

A dimensão passional do discurso: um diálogo entre Retórica e Semiótica

Eliane Soares de Lima^a

Resumo

A partir da problemática da manipulação passional, a proposta deste artigo é a de estabelecer um diálogo entre os ensinamentos da retórica e os desenvolvimentos atuais da semiótica francesa, propondo ampliar a perspectiva de análise das paixões em ambos os domínios: tanto em um movimento de semiotização da retórica das paixões, ao tornar possível a apreensão e o estabelecimento das propriedades necessariamente discursivas das configurações passionais no discurso em ato, quanto de retoricização da semiótica das paixões, assinalando a dimensão retórica dos núcleos patêmicos discursivizados.

Palavras-chave: Paixões. Discurso. Enunciação. Semiótica. Retórica.

Recebido em 20/01/2015
Aprovado em 07/04/2015

^a Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), li.soli@hotmail.com.

Retórica e Semiótica: pontos de convergência

A retórica, concebida antes de mais nada como técnica, como prática discursiva, e não necessariamente como ciência, surge, na Antiguidade, sendo a primeira disciplina dedicada ao estudo teórico-metodológico do discurso, a “primeira reflexão sistemática sobre os poderes da linguagem” (KLINKENBERG, 2001, p. 11). Caracterizada por uma concepção racionalista da produção discursiva, na qual os efeitos de sentido criados e a sua força de influência sobre o ouvinte ocupam o primeiro plano, a retórica fundada por Aristóteles chama a atenção para a lógica interna do processo discursivo e oferece métodos (*techné*) próprios à “arte de bem falar” (*apte e ornate*), a uma *actio* eficiente sobre o auditório.

Embora, já há algum tempo, muito se fale sobre o declínio e desprestígio da retórica, é fato que, de uma maneira ou outra, muitos dos ensinamentos deixados por ela ainda vigoram e, em geral, todas as teorias voltadas à análise das produções discursivas retomam, ao longo dos séculos, algum apontamento, alguma noção operatória já assinalada pelos tratados retóricos precedentes.

No caso específico da vizinhança entre a retórica e a semiótica da Escola de Paris, por exemplo, uma questão, central para ambas as disciplinas, chama a atenção para o grande ponto de convergência entre as duas perspectivas teóricas – principalmente no que diz respeito aos desenvolvimentos contemporâneos da semiótica francesa, cada vez mais voltados à problemática da enunciação, da práxis enunciativa e da semiose em ato: o interesse pelos processos de produção do sentido, intimamente relacionados à interação entre o orador e o auditório (o enunciador e o enunciatário) e estudados a partir do discurso, objeto fulcral de preocupação teórica para ambas.

Tanto para a retórica quanto para a semiótica – cada uma a seu modo, é bem verdade – importa, pois, compreender as escolhas, os procedimentos discursivo-textuais subjacentes aos efeitos de sentido provocados, o que põe em destaque não só a figura daquele que produz o discurso (o orador-enunciador), mas também a daquele a quem este último é dirigido (o auditório-enunciatário). Como esclarece Aristóteles: “com efeito, o discurso comporta três elementos: o orador, o assunto de que fala e o ouvinte; e o fim do discurso refere-se a este último, isto é, o ouvinte” (2005, p. 104).

Dentre esses “três elementos”, apenas dois foram realmente internalizados e explorados – mesmo com interesses um pouco diferente – pela semiótica do discurso: (i) aquele que diz respeito ao “orador”, o *éthos*, ou seja, a imagem do enunciador instituída a partir do enunciado produzido por ele; e (ii) o que se refere ao discurso em si, ao *logos*, aos procedimentos discursivos adotados pelo enunciador no momento da produção do seu enunciado. Mesmo tendo reconhecido a participação do “auditório”, a que chama enunciatário, na produção da significação dos discursos, dada a sua influência direta sobre as escolhas e estratégias operadas, um estudo mais sistemático sobre a sua atuação – sobretudo no que o determina como *pathos*, ou melhor, como “disposição” a ser gerenciada, manipulada afetivamente – resta a fazer no domínio da semiótica de linha francesa; e é exatamente aí que, presumindo a viabilidade de um produtivo diálogo entre os desenvolvimentos atuais da teoria e aqueles fornecidos pela retórica aristotélica, pretendemos, a partir de algumas ideias iniciais, poder propor algum avanço.

Nos estudos retóricos, nos quais a problemática da persuasão é central, o auditório ocupa papel de destaque, até porque é a ele que o discurso deve persuadir. Conforme assinala Mathieu-Castellani (2000, p. 19¹) ao lembrar os ensinamentos da retórica: “o auditório é, portanto, o critério decisivo, pois é a ele que se reporta o fim, o foco (*télos*) da *oratio*”. Para além de um receptor apenas, o auditório é concebido pela retórica em posição de “juiz”, como aquele que sanciona o enunciado a ele aderindo ou se contrapondo. Daí a necessidade de poder influir em sua disposição, de poder levá-lo ao melhor ânimo, a um estado conveniente de receptividade. Como explica ainda a autora (Idem, p. 48²):

A palavra grega [*pathos*], para a qual o latim criaria vários equivalentes, entre os quais sobressaem os termos *perturbatio*, *adfectus*, ou *motus animi*, designa o estado de alma, sua disposição, em especial quando ela é despertada por alguma causa exterior; a qualidade de uma substância ou sua propriedade; mas também um acontecimento que se produz, uma mudança, uma alteração. [...] o *pathos* é considerado como uma qualidade alterável [...]; e, por fim, aquilo que experimentamos, que sofremos, e que produz no sujeito uma modificação.

¹ Salvo menção em contrário, todas as traduções feitas neste artigo são de nossa responsabilidade e estarão acompanhadas, nas notas, pelo trecho original. Trecho original: “L’auditeur est ainsi le critère décisif, car c’est à lui que se rapporte la fin, la visée (*télos*) de l’*oratio*.”

² Trecho original: “Le mot grec [*pathos*], dont le latin donnera plusieurs équivalents, et notamment *perturbatio*, *adfectus*, ou *motus animi*, désigne l’état de l’âme, sa disposition, en particulier lorsqu’elle est agitée par quelque cause extérieure; la qualité d’une substance ou sa propriété; mais aussi un événement qui se produit, un changement, une altération. [...] le *pathos* est défini comme une qualité altérable [...]; et enfin ce qu’on éprouve, ce qu’on subit, et qui produit dans le sujet une modification.”

É aí que as paixões, como *modos* de sensibilização, mostram a sua eficiência persuasiva, o seu papel na produção do julgamento que determina a forma de adesão ao discurso; afinal, conforme salienta Aristóteles, “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam, conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (2005, p. 97), uma vez que, insiste ele, “os factos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza” (2005, p. 159-160); ele acrescenta ainda, “as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças em seus juízos [...]” (2005, p. 160).

Todavia, embora tenha chamado a atenção para o caráter persuasivo das paixões, apresentando um estudo detalhado das particularidades de algumas delas, os apontamentos feitos por Aristóteles, mesmo sublinhados pela advertência de que as “provas de persuasão”, nas quais os afetos estão inseridos, devem ser todas fornecidas pelo discurso, são de caráter psíquico e social, relacionados, como era característico ao ponto de vista filosófico da época, a considerações e reflexões de ordem ética e moral, quase nada dizendo sobre as especificidades da configuração propriamente discursiva em cada caso.

A semiótica, por sua vez, ateu-se, em seus primórdios, aos limites do discurso enunciado, com a enunciação relegada ao estatuto de pressuposto lógico, e, assim, não dedicou grande atenção à noção de persuasão, que só foi abordada pelos semioticistas a propósito do estudo da fase da manipulação do esquema narrativo canônico, e de qualquer maneira com características distintas daquelas do panorama retórico, isto é, como um *fazer-fazer*, um *fazer-criar*, e não necessariamente um *fazer-sentir*. Mesmo quando voltou a sua atenção à análise das paixões, da dimensão passional dos discursos, a teoria semiótica continuou a privilegiar o exame do enunciado manifestado, dos afetos já discursivizados, o que talvez explique o fato de, com a expansão dos estudos sobre a enunciação, a figura do enunciatário ter sido claramente beneficiada em detrimento a do enunciatário. Há, entre os semioticistas greimasianos,

quem fale da enunciação passional na perspectiva daquele que produz o discurso³, mas, até onde sabemos, muito pouco se tratou daquele a quem ele se dirige⁴.

Assim, ao considerar que tanto para a retórica quanto para a semiótica o *éthos* e o *pathos* interessam analiticamente como simulacros, imagens suscitadas *no* e *pelo* enunciado que elas delimitam, achamos possível, com base nos desenvolvimentos atuais da semiótica do discurso, nos quais a problemática da enunciação e da tensividade tem ganhado cada vez mais importância, retomar o diálogo entre retórica e semiótica para trazer à cena o estudo semiótico do *pathos* do discurso, do enunciatário, que não só toma conhecimento do conteúdo dos textos, mas se envolve e reage passionalmente a ele, estabelecendo não apenas uma assimilação cognitiva, mas também uma interação afetiva. Importa avançar a ênfase dada até o momento à afetividade do sujeito do enunciado, ou ao discurso apaixonado do sujeito enunciante, e lançar luz tanto ao papel ocupado pelo enunciatário na produção da significação dos textos aos quais ele é exposto, quanto às condições discursivas de emergência do *modo* de interação afetiva configurado a partir do contato com o enunciado.

Em suma, a ideia é estabelecer um caminho de análise passível de ajudar na compreensão da maneira pela qual, assim como no ponto de vista da retórica, ligam-se as instâncias do enunciador, do enunciado e do enunciatário (*éthos*, *logos* e *pathos*, respectivamente) na produção dos efeitos passionais, no gerenciamento do envolvimento patêmico deste último; como, a partir das estratégias de produção dos textos, pode-se influir na configuração do “juízo”, da sanção intersubjetiva que determina o *modo de adesão* ao conteúdo enunciado, o *modo de assunção enunciativa* por parte do enunciatário. Como destaca Bertrand (2007, p. 75⁵):

Aparentemente reservada à retórica restrita da *elocutio*, que dela se apoderou, associando intimamente a estesia à produção dos efeitos estéticos nas figuras do discurso, a questão da sensibilização emocional encontra-se, na verdade, desde Aristóteles, no cerne da retórica geral. Objeto precípua do Livro II do célebre tratado, ela é ali concebida como princípio operatório da eficácia de um discurso que, buscando influenciar, tende ao mesmo tempo a modificar os estados de alma do auditório.

³ Sobre esse assunto, consultar os trabalhos de Denis BERTRAND (1986, 2003) e Anne HÉNAULT (1986, 1994).

⁴ Há que mencionar, contudo, o artigo “O *pathos* do enunciatário”, de José Luiz Fiorin, publicado na revista *Alfa*, número 48, volume 2, 2004, e republicado em seu livro *Em busca do sentido: estudos discursivos*, 2012; e o artigo “Ethos, pathos, et persuasion: le corps dans l’argumentation. Le cas du témoignage”, de Jacques Fontanille, publicado na revista *Semiótica*, volume 163, 2007.

⁵ Trecho original: “Apparemment réservée à la rhétorique restreinte de l’*elocutio*, qui se l’est pour ainsi dire appropriée associant étroitement l’esthésie à la production des effets esthétiques dans les figures du discours, la question de la sensibilisation émotionnelle se trouve en réalité au cœur de la rhétorique générale depuis Aristote. Objet même du Livre II du célèbre traité, elle y est assumée comme principe opératoire de l’efficacité d’une parole qui, cherchant à influencer, tend du même coup à modifier les états d’âme de son auditoire.”

Desse modo, ao estabelecer um diálogo com a perspectiva retórica, a competência discursiva à qual está atrelada, no nível do enunciado, a manipulação passional, a atividade persuasiva, será pensada não apenas como um *fazer-fazer*, mas, antes de mais nada, agora no nível da enunciação, como um *saber-fazer-sentir* que regula o *fazer-crer*, com o sensível articulado ao inteligível no momento de configuração da sanção epistêmica. Isso interessa porque pode possibilitar, para a semiótica do discurso, um estudo teórico-metodológico tanto a propósito da dimensão persuasiva dos discursos, quanto da experiência estética.

A articulação do sensível com o inteligível no momento da sanção: quando o *fazer-crer* é também um *fazer-sentir*

Embora a semiótica do discurso – por ter optado inicialmente pelo exame do discurso enunciado – não tenha dedicado grande atenção à questão da persuasão, ela sempre admitiu a sua presença. Via-a, no entanto, na perspectiva da narratividade, como um fazer cognitivo simplesmente, um *fazer-crer* sem qualquer relação com o patêmico, com as paixões que se devem instilar no ânimo do sujeito para melhor controlar a configuração do seu “juízo”, da sua sanção. É bem verdade que, na época de tais formulações, com o interesse dirigido quase que exclusivamente ao nível narrativo dos discursos, o passional, ou, mais do que isso, a articulação do sensível com o inteligível, não era ainda alvo do interesse dos semioticistas.

A sanção ficou definida, então, no quadro geral da teoria, como “uma figura discursiva correlata à manipulação, a qual, uma vez inscrita no esquema narrativo, se localiza nas duas dimensões, na pragmática e na cognitiva” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 426). Concebendo-a como juízo epistêmico, seja no nível do enunciado, seja no da enunciação, os autores do *Dicionário de semiótica*, no verbete “Epistêmicas (Modalidades ~)”, explicam (Idem, p. 172-173, grifo nosso):

As modalidades epistêmicas dizem respeito à *competência do enunciatário* (ou, no caso do discurso narrativo, do Destinatário final) que, em seguida ao seu fazer interpretativo, “*toma a cargo*”, assume (ou sanciona) as posições cognitivas formuladas pelo enunciatário (ou submetidas pelo Sujeito). Na medida em que no interior do contrato enunciativo (implícito ou explícito) o

enunciador exerce um fazer persuasivo (isto é, fazer-criar), o *enunciatário*, por sua vez, *finaliza o seu fazer interpretativo por um juízo epistêmico (isto é, por um crer)* que ele emite sobre os enunciados de estado que lhe são submetidos. [...] a categoria epistêmica comporta apenas oposições graduais e relativas que permitem a manifestação de um grande número de posições intermediárias. Esse estatuto particular das modalidades epistêmicas abre simplesmente uma nova problemática, a da **competência epistêmica**: *o juízo epistêmico não depende somente do valor do fazer interpretativo que se supõe o preceda (isto é, do saber que incide sobre as modalizações veridictórias do enunciado), mas também – numa medida a ser ainda determinada – do querer-criar e do poder-criar do sujeito epistêmico.*

Mesmo sabendo que a noção de *competência epistêmica* é concebida aí em função do percurso narrativo do sujeito, se pensada no nível da enunciação, do discurso em ato, ela pode remeter também à atuação do enunciador no gerenciamento do *modo de assunção enunciativa* do enunciatário, da sua resposta tímica, afetiva, ao que lhe é exposto, “às posições cognitivas formuladas” (Idem, p. 173); ela passa a dizer respeito, portanto, ao *modo* como o conteúdo do discurso é apresentado.

Conforme explica Fontanille (2002, p. 78⁶), “a assunção enunciativa é uma propriedade do discurso, que diz respeito ao envolvimento do sujeito da enunciação [enunciador e enunciatário] em seu enunciado, e aos valores que este último comunica”. As modulações interpostas à “maneira de dizer” do enunciador, de apresentar ao enunciatário o conteúdo, mostram aí a sua eficácia persuasiva, aliando ao *fazer-criar* um *fazer-sentir* que o precede e determina. Para Mathieu-Castellani (2000, p. 97⁷), “trata-se, precisamente, para o orador, de impor às ‘coisas’ uma imagem, uma representação que as fará ser avaliadas da maneira como ele deseja”. Ela explica (Idem, *ibid*⁸):

O prazer [e o desprazer] que pode suscitar o discurso não tem nada de gratuito; ele é a resultante do exercício de manipulação: na perspectiva pragmática da retórica latina, o orador deve se perguntar *como* provocar as paixões, ciente de que o homem obedece a seus impulsos irracionais e a seus sentidos mais do que à razão, e que o exercício do *judicium*, o *judicare*, está estritamente relacionado à emoção e ao desejo que ele é capaz de suscitar no auditório. Ora, como sustenta Cícero [...] a origem da paixão é a *opinio*, a espera, a representação, poderíamos dizer, que se forma na mente, a qual Aristóteles denominava *phantasia* [...]

⁶ Trecho original: “La asunción enunciativa es una propiedad del discurso que atañe al compromiso del sujeto de la enunciación con su enunciado y a los valores que este último comunica; [...]”

⁷ Trecho original: “Pour l’orateur, il s’agira précisément de modifier les opinions, d’imposer des ‘choses’ une image, une représentation qui les fera apprécier de la façon qu’il souhaite.”

⁸ Trecho original: “Le plaisir que peut donner la parole n’a rien de gratuit; il est le nécessaire préliminaire à l’exercice d’influence: dans la perspective pragmatique de la rhétorique latine, l’orateur doit se demander comment émouvoir les passions, sachant bien que l’homme obéit à ses impulsions irrationnelles et à ses sens plus qu’à la raison, et que l’exercice du *judicium*, le *judicare*, est sous l’étroite dépendance de l’émotion et du désir qu’il saura susciter dans l’auditoire. [...] l’origine de la passion est l’*opinio*, l’attente, on pourrait dire la représentation qui se forme dans l’esprit, ce qu’Aristote nommait la *phantasia* [...]”

Embora a perspectiva da autora citada, assentada na clássica oposição entre o sensível e o inteligível, as paixões e a razão, seja diferente da nossa, sua colocação interessa por chamar a atenção para a força do discurso na sensibilização da sanção do auditório, para o poder do discurso – logo, do enunciador-orador – na determinação da recategorização axiológica dos valores postos em cena, colocando as paixões despertadas como resultado da interação tímico-fórica estabelecida com o conteúdo do discurso, como resposta aos efeitos de sentido produzidos, à predicação tensiva da categoria semântica de base.

Mantendo essa linha que privilegia a recepção, ou melhor, a interpretação judicativa atrelada à produção do discurso, podemos dizer que o início do processo de sensibilização emocional operado pelo enunciador-orador está, nesse sentido, intimamente relacionado à escolha da direção argumentativa, isto é, à tomada de posição perante a oposição elementar que edifica o texto. Ao imprimir, a partir desse posicionamento axiológico, uma orientação discursiva ao enunciado, e a sua recepção, o enunciador estaria apto a inculcar, no processo de discursivização e textualização, uma espécie de carga de sentido suplementar, uma tensão que transforma o discurso em um campo de existência modulado, no qual o *modo de apreensão* do que é dito – e, sobretudo, dos valores que o sustentam –, de *assunção enunciativa* por parte do enunciatário-auditório, fica condicionado à dinâmica tensiva instaurada, às modulações procedentes da maneira de dizer, de apresentar a categoria de base. Como confirmam as palavras de Aristóteles (2005, p. 106):

[...] como todos os oradores, quando elogiam ou censuram, exortam ou dissuadem, acusam ou defendem, não só se esforçam por provar o que disseram, mas também que o bem ou o mal, o belo ou o feio, o justo ou o injusto são grandes ou pequenos, quer falem das coisas em si, quer as comparem entre si, é evidente que seria também necessário ter pemissas sobre o grande e o pequeno, o mais e o menos, tanto em geral como em particular; como, por exemplo, qual é o maior ou o menor bem, a maior ou menor acção justa ou injusta; e o mesmo em relação às demais coisas.

Os valores semânticos colocados em situação pela atividade de produção convertem-se, no momento da recepção,

do contato com o texto, em valores tímicos, axiologizados. É, pois, o tratamento tensivo dado à categoria semântica de base no instante da colocação em discurso que responde por essa *modificação* (relacionada ao *pathos*). Essa seria a maneira de, na perspectiva mais geral da práxis enunciativa, agir sobre a configuração da competência epistêmica do enunciatário, com o sensível, o patêmico, influenciando diretamente sobre o inteligível, a sanção.

Ao gerenciar o grau de presença de cada um dos termos que compõem a oposição elementar do discurso no processo sintagmático, o enunciador regula o *modo* de convocação tímico-fórica do enunciatário, o seu *modo de assunção enunciativa*: mais sensível ou mais inteligível, conforme melhor lhe convenha. Segundo ressalta Mathieu-Castellani (2000, p. 54⁹), a partir dos ensinamentos de Cícero, em *De Oratore*, “o juiz, *dominus rei*, senhor da situação [...], deve, por sua vez, ser dominado pelo orador, *ad causam oratione moderandus*, isto é, levado da benevolência ao ódio, do ódio à benevolência, governado por suas paixões ao sabor do discurso que as excita.”

Insera-se aí, então, a problemática dos *modos* de existência, do controle dos graus de presença das grandezas discursivas em oposição, com o figural atuando sobre o figurativo na produção dos efeitos de sentido passionais. Se este último, o figurativo, concretiza as evidências, os argumentos – e a partir deles a argumentação em si –, conduzindo o enunciatário-auditório a *crer* na posição axiológica assumida pelo enunciador-orador, o primeiro, o figural, caracteriza o *modo* de acesso a essas provas argumentativas e leva-o, antes de tudo, a *sentir*.

O julgamento epistêmico, próprio à configuração do “valor do valor” subjacente à paixão desencadeada, procede, então, não só de um esforço cognitivo de interpretação, mas de uma sensibilização emocional prévia (tônica ou átona) operada ao longo do processo de apreensão do conteúdo pela manipulação dos valores em discurso, da tensão que os faz interagir. Para Bertrand (2007, p. 80¹⁰), “pelos variações dos graus [de presença], cria-se um sentido lábil que ora se dissimula, ora se manifesta, ora se sugere, ora se exalta.[...] A carga tímica encontra aí o seu lugar final de exercício, como um acontecimento de reconhecimento.”

⁹ Trecho original: “[...] le juge *dominus rei*, maître de la situation [...], doit être à son tour dominé par l’orateur, *ad causam oratione moderandus*, c’est-à-dire incliné de la bienveillance à la haine, de la haine à la bienveillance, gouverné par ses passions au gré de la parole qui les excite.”

¹⁰ Trecho original: “Par les variations de ces degrés, un sens labile se déploie en se dissimulant ou en se manifestant, en se suggérant ou en s’exaltant. [...] La charge thymique trouve ici son lieu d’exercice final, comme un événement de reconnaissance.”

Os efeitos de sentido sensíveis produzidos no e pelo discurso provêm, dessa forma, não exatamente da figuratividade, mas da tensão que sobredetermina a categoria semântica de base subjacente ao enunciado – domínio no qual atua o figurativo –, prescrevendo ao mesmo tempo o *modo* de inserção, e de assimilação dos valores investidos no componente figurativo. Conforme bem lembram Bordron e Fontanille (2000, p. 10-11¹¹):

Introduzir em uma categoria, ou em um campo discursivo, uma tensão semântica, ou até mesmo direções argumentativas opostas, é suscitar aí [...] o surgimento de *valores*; é instituir no seio dessa categoria ou desse campo discursivo orientações concorrentes, diferenças, em suma, um esboço de *sistema de valores*. Isso significa que a dimensão retórica do discurso seria parte integrante da formação dos sistemas de valores, na perspectiva do discurso em ato; [...]

A axiologização da oposição elementar que sustenta o discurso, ao definir a interação entre as duas grandezas semânticas como uma relação orientada, dirigida por uma intencionalidade, mostra-se, assim, como elemento-chave da dimensão retórica do discurso, passível, por isso mesmo, de ser concebida como uma dimensão polêmica, uma dimensão tensiva. Assim, para que se possa tirar proveito do potencial persuasivo dessa categoria, a confrontação dos dois universos semânticos de base – vida *vs.* morte, por exemplo –, bem como sua manifestação discursiva, devem ser reguladas pelo enunciador-orador, que, conseqüentemente, passa a ter maior domínio sobre os efeitos de sentido sensíveis e afetivos a partir daí produzidos.

A dimensão retórica do discurso foi, de fato, definida pelos semioticistas franceses, a título de hipótese, no momento em que se dedicaram ao possível diálogo entre semiótica e retórica¹², como espaço de coexistência de duas grandezas semânticas postas em conflito, em competição. Embora essa acepção tenha sido estabelecida em função das figuras retóricas, os tropos, ela pode, por englobar a dimensão tímico-fórica dos enunciados, abranger também, sem nenhum inconveniente, conforme tentamos demonstrar até aqui, a atividade argumentativa na qual se insere a problemática das paixões, ou melhor, da sensibilização exercida pelo enunciador-orador, por meio do discurso produzido, sobre o enunciatário-auditório; tal qual

¹¹ Trecho original: “Introduire dans une catégorie ou un champ discursif une tension sémantique, voire des directions argumentatives opposées, c’est y susciter [...] l’apparition de *valeurs*; c’est disposer au sein de cette catégorie ou de ce champ discursif des orientations concurrentes, des différences, donc l’ébauche d’un *système de valeurs*. Cela signifie que la dimension rhétorique du discours participerait de la formation des systèmes de valeurs, dans la perspective du discours en acte; [...]”

¹² Em 1998, o *Séminaire Intersémiotique de Paris* dedicou-se ao confronto entre a perspectiva retórica e a semiótica, buscando depreender o possível diálogo entre as duas disciplinas. Dois anos mais tarde, surgiu o número 137 da revista *Langages*, dirigido por Jean-François Bordron e Jacques Fontanille, intitulado “Sémiotique du discours et tensions rhétoriques”.

confirmam Bordron e Fontanille (2000, p. 7¹³) ao esclarecer que “a dimensão retórica reagruparia, na perspectiva do discurso em ato, o conjunto de procedimentos capazes de *gerenciar a coexistência problemática entre duas grandezas em competição*”.

Desse modo, cientes de que é próprio à retórica organizar, determinar e fixar operações da práxis enunciativa eficientes à atividade persuasiva, aproveitaremos a discussão teórico-metodológica apresentada por Bordron e Fontanille no texto já citado, bem como em outras publicações de Fontanille (1999; 2002) sobre o mesmo assunto, para semiotizar, desta vez, não a retórica dos tropos, como sugerem os autores citados, mas a das paixões, buscando demonstrar a quais operações sintáxico-discursivas o enunciador-orador pode recorrer para sensibilizar, da maneira como deseja, o seu enunciatário-auditório. A intenção é a de interpretar o *esquema retórico canônico* proposto por Fontanille (2002) na perspectiva do passional, da sensibilização emocional que patemiza o discurso e, por conseguinte, também a sua apreensão, submetendo a interpretação judicativa ao *sentir*, à experiência sensível a ela imposta.

O gerenciamento do *pathos* do enunciatário no discurso do enunciador-orador: o esquema retórico canônico

Considerando tanto a produção do enunciado quanto a sua interpretação como atos de semiose, a partir dos quais se constitui a significação, o percurso de sensibilização do enunciatário-auditório pode ser formalizado aspectualmente¹⁴, em três momentos: (i) o *incoativo*, que diria respeito às condições de emergência da interação afetiva, ao instante em que se inicia o contato com o discurso; (ii) o *durativo*, próprio ao processo de configuração da afetividade, de sensibilização da assimilação do conteúdo; e (iii) o *terminativo*, quando o enunciatário-auditório, tendo apreendido a totalidade discursivo-textual, da qual se concatena a sua competência epistêmica, sanciona o enunciado a ele aderindo ou se contrapondo¹⁵.

A atuação da atividade persuasiva se incutiria, pois, nas duas primeiras fases desse percurso de interação, a *incoativa* e a *durativa*, responsáveis pela determinação do *modo de inserção*, e, conseqüentemente, de apreensão, dos valores. Como atesta Mathieu-Castellani (2000, p. 4¹⁶), “a recepção emotiva

¹³ Trecho original: “[...] la dimension rhétorique regrouperait, dans la perspective du discours en acte, l'ensemble des procédures permettant de *gérer la co-habitation problématique entre deux grandeurs en compétition*.”

¹⁴ Adaptação da proposta formulada por Fontanille em seu livro *Sémiotique et littérature* (1999), a propósito do discurso em ato (p. 8).

¹⁵ Sobre a aspectualização da atividade enunciativa na perspectiva do enunciador, pensada como fundamentação do estilo, consultar o livro *Corpo e estilo*, de Norma Discini (2015).

¹⁶ Trecho original: “[...] la réception émotive du message est aussi conditionnée par les modalités de sa transmission; [...]”

da mensagem está condicionada pelas modalidades de sua transmissão”. Enquanto a primeira etapa concerne à maneira de articular a categoria semântica de base, tirando da tensão a ela imanente o maior proveito, a segunda concerne à regulação do diálogo entre a convocação sensível e inteligível ao longo do desenvolvimento do discurso.

De acordo com Bordron e Fontanille (2000, p. 14¹⁷):

De fato, a dimensão retórica de nossas práticas semióticas está, de alguma forma, [...] relacionada a tudo aquilo que constitui o cerne da *semiose*: a *tomada de posição* (constitutiva do campo do discurso para a semiótica estrutural ou pós-estrutural, constitutiva do *ground* para a semiótica peirciana); a formação de *sistemas de valores* (constitutiva de diferenças significantes); a distinção entre os *modos de existência* (constitutiva de uma espécie de “profundidade” do discurso); etc.

Sem desconsiderar o modelo de análise proposto pela retórica antiga, que concebia a composição discursiva em cinco partes: *inventio, dispositio, elocutio, memoria* e *actio / pronuntiatio*, mas o integrando a uma concepção mais geral da produção dos discursos, as estratégias enunciativas, enquanto operações retóricas de manipulação dos valores, próprias ao esquema predicativo operado pelo enunciador-orador, encarregado do gerenciamento do *pathos* do enunciatário-auditório, podem, para facilitar o seu exame, ser firmadas com base nas etapas do *esquema retórico canônico* sugerido por Fontanille em “Retórica y manipulación de los valores” – artigo publicado em 2002, na revista *Tópicos del Seminario*, número 8. Nesse texto, o semiótico viabiliza uma forma de análise semiótica das figuras retóricas, os tropos, buscando “compreender como as operações retóricas produzem os efeitos axiológicos que afetam as categorias discursivas” (p. 75¹⁸).

A dimensão retórica do discurso é constituída, segundo o autor, por um pequeno número de categorias discursivas: a intensidade, a quantidade, o conflito e a assunção, “consideradas como categorias da práxis enunciativa ela mesma” (FONTANILLE, 2002, p. 76¹⁹); e são exatamente elas que viabilizam a homologação entre as duas perspectivas de abordagem da atividade persuasiva – a do processo de sensibilização emocional, de gerenciamento do *pathos* do enunciatário-auditório, e a das figuras retóricas –, uma vez que, atualizadas no discurso,

¹⁷ Trecho original: “En effet, la dimension rhétorique de nos pratiques sémiotiques a quelque chose à voir, [...] avec tout ce qui constitue le cœur de la *semiosis*: la *prise de position* (constitutive du champ du discours pour la sémiotique structurale ou post-structurale, constitutive du *ground* pour la sémiotique peircienne); la formation des *systèmes de valeur* (constitutive des différences signifiantes); la distinction entre les *modos d'existence* (constitutive d'une sorte de 'profondeur' du discours); etc.”

¹⁸ Trecho original: “[...] comprender cómo las operaciones retóricas producen efectos axiológicos que afectan las categorías discursivas.”

¹⁹ Trecho original: “[...] consideradas como las categorías de la propia praxis enunciativa.”

essas categorias respondem, de maneira geral, pelas condições de produção-recepção do texto, pela atividade discursiva e persuasiva, como um todo, na qual enunciador, enunciado e enunciatário (*éthos, logos e pathos*) se inter-relacionam. Ainda nas palavras de Fontanille (2002, p. 84²⁰):

A solidariedade observada entre as categorias da *práxis enunciativa* [...] convida a associá-las a um princípio comum, de cunho sintáxico, que seria a forma de toda operação na dimensão retórica do discurso: essa forma se apresenta como uma *sequência canônica*, a qual assume, de certo modo, a “intencionalidade” operativa das transformações retóricas.

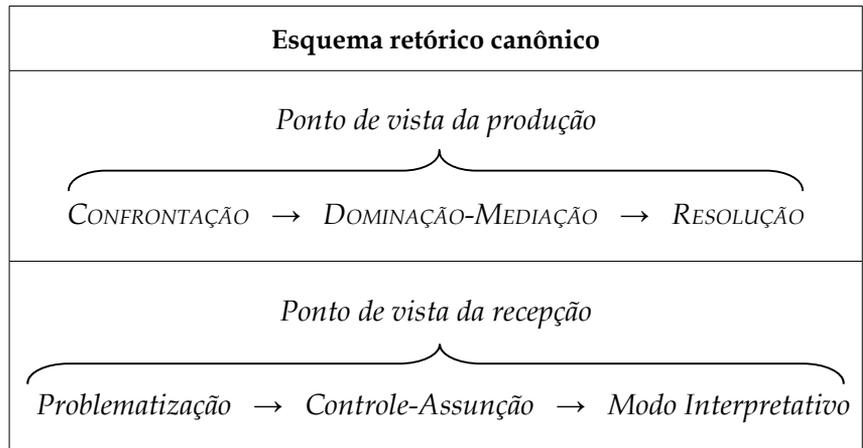
O *esquema retórico canônico* proposto pelo semioticista citado opera sob duas perspectivas, as quais ele nomeia: *ponto de vista pragmático* (aquele da geração sintática da figura); e *ponto de vista cognitivo* (aquele de sua interpretação). Para cada uma, ele atribui as seguintes fases:

P.d.v. pragmático (geração)	P.d.v. cognitivo (interpretação)
CONFRONTAÇÃO	PROBLEMATIZAÇÃO
DOMINAÇÃO-MEDIAÇÃO	CONTROLE-ASSUNÇÃO
RESOLUÇÃO	MODO INTERPRETATIVO

Tabela 1: Tabela das fases dos dois pontos de vista que sustentam o esquema retórico canônico (conforme apresentada no referido artigo – FONTANILLE, 2002, p. 85-86).

Com a mesma denominação das fases, mas adaptando um pouco a sua concepção inicial, idealizada em função das figuras retóricas, propomos, ao pensar na formalização sintática do processo de sensibilização emocional mais geral, isto é, relacionado ao exercício argumentativo em seu conjunto, falar em *ponto de vista da produção* (a encargo do enunciador) e *ponto de vista da recepção* (da parte do enunciatário) – produção e recepção intrinsecamente relacionadas, com o desenvolvimento da primeira diretamente atrelado ao percurso interpretativo próprio à segunda. Ademais, para manter a representação clássica dos esquemas canônicos, concebidos como etapas que sucedem uma a outra a partir de uma relação de pressuposição lógica, optaremos pela seguinte forma de esquematização:

²⁰ Trecho original: “La solidaridad que hemos observado entre las categorías de la *práxis enunciativa* [...] invita a llevarlas a un fondo común, de tipo sintáctico, y que sería la forma de toda operación en la dimensión retórica del discurso: esta forma toma la apariencia de una *secuencia canónica*, que, de alguna manera, se encarga de la ‘intencionalidad’ operativa de las transformaciones retóricas.”



Esquema 1: Esquemas das fases dos dois pontos de vista possíveis para o *esquema retórico canônico* (elaboração nossa a partir da tabela proposta no referido artigo – FONTANILLE, 2002).

Nesse espírito, a fase da *confrontação / problematização* será por nós entendida como aquela da tomada de posição perante a oposição elementar subjacente à configuração discursiva, com um dos polos determinado como eufórico e outro como disfórico. Se o enunciador-orador demarca essa valorização axiológica na produção de seu enunciado, *confrontando* duas linhas argumentativas a partir das quais uma será a defendida, o enunciatário-auditório, de sua parte, identifica o conflito, a *problematização* entre elas, na expectativa do desenvolvimento argumentativo.

É aí que atua a fase da *dominação-mediação / controle-assunção* – etapa retórica por excelência –, com o enunciador-orador regulando os graus de presença dos dois universos semânticos e, por conseguinte, a tensão estabelecida entre eles, a sua força de impacto e de convocação da interação sensível-inteligível do enunciatário-auditório com o conteúdo que se desenvolve. Trata-se da fase de *controle* da interpretação, da sanção, do *modo de assunção enunciativa* (forte ou fraca, direta ou indireta) da instância de recepção do discurso.

Com o domínio da tensão que patemiza o enunciado, o enunciador-orador pode enfatizar como quer o posicionamento assumido por ele, tanto em um estilo ascendente, que tonifica o conflito semântico, dando maior força de impacto, de convocação sensível, à linha argumentativa defendida, quanto

em um estilo descendente, que o atoniza, com maior apelo à assimilação inteligível do enunciatário-auditório – conforme as proposições de Zilberberg (2011) ao falar dos estilos tensivos.

Na primeira possibilidade de predicação tensiva, o enunciador-orador adota uma estratégia argumentativa de intensificação da sensibilização emocional da sanção, com o sensível dominando o inteligível; na segunda, de enfraquecimento, “chamando à razão” o seu enunciatário-auditório, isto é, diminuindo a influência do sensível sobre o inteligível. Segundo corroboram Bordron e Fontanille (2000, p. 10²¹), “a carga tímica está intimamente relacionada com os potenciais semânticos de intensidade das figuras”.

Esse ponto de vista vai ao encontro da observação de Mathieu-Castellani (2000) ao se referir à perspectiva retórica de análise das paixões: “o modelo de descrição que se impõe é o de um mecanismo em bom funcionamento, de uma *máquina* funcionando pelo princípio de ação e reação, capaz de provocar um movimento (*ducere*), e depois revertê-lo ao estado anterior (*deducere*), de levar para cá e para lá o auditório” (p. 72²²). Ela acrescenta ainda: “o bom orador é aquele que suscita em seu auditório toda a gama de paixões contrárias, assegurando assim a eficácia de seu discurso e constatando seu poder sobre o ouvinte; trata-se de uma operação de domínio” (p. 77²³).

A atividade discursiva, ou melhor, de intencionalidade persuasiva, exercida nessa fase de *dominação-mediação/controlé-assunção*, é, portanto, a responsável pelo gerenciamento da articulação do sensível com o inteligível anterior à interpretação judicativa final; é ela que, ao dirigir, pelo sentir, a configuração da competência epistêmica do enunciatário-auditório, delineia o *modo de assunção enunciativa*, ao qual está condicionada a sanção.

Essa ação do enunciador sobre o conteúdo do discurso, em uma perspectiva mais produtiva, isto é, operatória, pode ser, por sua vez, formalizada com base na relação predicativa que o componente figural (tensivo) estabelece com o componente figurativo (temático), determinando as características quali e quantitativas da composição isotópica procedente deste último. Em outras palavras, na intenção de controlar o *pathos* do enunciatário, intimamente atrelado à apreensão (sensível-inteligível) do enunciado manifestado, dos efeitos de sentido

²¹ Trecho original: “[...] la charge thymique est en relation étroite avec les potentiels sémantiques d’intensité des figures.”

²² Trecho original: “Le modèle de description qui s’impose est celui d’une mécanique bien réglée, d’une *machine* fonctionnant sur le principe de l’action et de la réaction, capable de provoquer un mouvement (*ducere*), puis de faire revenir à un état antérieur (*deducere*), de mener çà et là l’auditeur.”

²³ Trecho original: “[...] le bon orateur est celui qui fait parcourir à son auditoire toute la gamme des passions contraires, et s’assure ainsi de l’efficacité de sa parole, en constatant son pouvoir sur l’auditeur; c’est d’une opération de maîtrise qu’il s’agit.”

produzidos, o enunciador-orador submete a dimensão figurativa, que concretiza, no nível discursivo, a categoria semântica de base do nível profundo, a um fluxo perceptível modulado em termos de intensidade e extensidade, conforme acontece na interação entre os *constituíntes* e os *expoentes* – formulação emprestada de Hjelmslev (1985).

Na perspectiva da semiótica, como explica Fontanille (1999, p. 75²⁴), “os *constituíntes* são as unidades discretas da predicação frástica ou narrativa; os *expoentes*, as modulações contínuas da presença discursiva sob o controle de uma enunciação”. Embora essa homologação teórica tenha sido feita para pensar a interdependência das modalidades com a tensividade na dimensão afetiva do discurso, ela é válida também para pensá-la na relação do figural com o figurativo.

O figural, sendo a dimensão de gerenciamento da percepção do enunciatário durante o processo de configuração da significação, no qual a apreensão sensível do conteúdo se articula à formulação inteligível subsequente, delinea, pela correlação da intensidade com a extensidade, o grau de presença, de tonicidade, das duas grandezas opostas manifestadas pela figuratividade, sensibilizando as diferentes possibilidades de relação semântica (de semelhança ou de contraste dos conteúdos em jogo). Nesse sentido, dois regimes de confrontação segundo a intensidade do acento emocional podem distinguir-se: um intenso e outro distenso.

O primeiro regime (intenso) é resultado da *concentração* da intensidade no desenvolvimento figurativo, através da inflexão de tonicidade acelerada em uma das grandezas opostas, em uma das linhas argumentativas, ou no contraste entre elas. Nesse caso, a dimensão figurativa, não expandindo o campo discursivo no qual se dá a tensão entre os valores opostos, funciona como inflexão de tonicidade de um deles, chamando a atenção para a ausência do outro. Ao enfatizar a oposição entre universos semânticos contrastantes, é a discrepância entre eles, com o acento de sentido colocado seja sobre o valor disfórico, seja sobre o eufórico, que sensibiliza a interpretação do enunciatário na sua relação com o conteúdo discursivo.

O segundo regime (distenso) procede de uma estratégia contrária, que privilegia a *distribuição* da tensão entre os valores opostos ao longo do desenvolvimento figurativo. Os

²⁴ Trecho original: “[...] les *constituants* sont les unités discrètes de la prédication phrastique ou narrative; les *expo-sants* sont les modulations continues de la présence discursive, sous le contrôle d’une énonciation.”

valores surgem no campo discursivo, através da figuratividade, de forma desacelerada, atonizando a sua força de impacto e permitindo, dessa forma, uma assimilação mais inteligível do ponto de vista argumentativo defendido. Trata-se da estratégia discursiva segundo a qual os valores semânticos subjacentes à figuratividade em questão emergem no discurso pouco a pouco, em paralelo à expansão figurativa que abre os horizontes do espaço tensivo, distribuindo na extensidade a tensão. Daí a interação afetiva do enunciatário ser, nesse caso, de ordem mais inteligível que propriamente sensível.

A dinâmica figural permite, dessa forma, a regulação do grau de envolvimento afetivo do sujeito da recepção. Como explica Fontanille (2002, p. 100²⁵):

[...] essa conjugação sistemática de um deslocamento da intensidade e de um remanejamento na extensão de uma dada figura [ou um argumento] condiciona, *ao mesmo tempo*, a percepção da presença configuracional do segmento textual, e aquela do valor da figura [ou do argumento]: ela conduz, então, pela mediação de um efeito de configuração, à “resolução interpretativa”.

Assim, os procedimentos de dominação e controle a serem assumidos pelo enunciador-orador na produção de seu discurso assentam-se – conforme propõe Zilberberg (1998; 2012) –, segundo o tratamento discursivo dado aos termos da categoria semântica de base, em: (i) uma *sintaxe intensiva*, que, ao operar por aumentos e diminuições, determina o acento de sentido, o grau de tonicidade perceptiva de cada uma das isotopias correspondentes às grandezas em cena; (ii) uma *sintaxe extensiva*, própria às triagens ou misturas figurativas e, por conseguinte, à abertura ou ao fechamento do campo tensivo no qual atua a categoria semântica subjacente; (iii) uma *sintaxe juntiva*, que, subsumindo os dois outros tipos de predicação sintática da tensividade, responde pelo que Fontanille chama em seu artigo (2002) “modalidades da confrontação”; ela regula a maneira como as grandezas oponentes se relacionam entre si no desenvolvimento discursivo: por *concessão*, aumentando a densidade de presença da tensão em um campo de atuação circunscrito, e produzindo, ao mesmo tempo, um efeito de sentido tônico, regido sobretudo pela convocação sensível do enunciatário-auditório; ou por *implicação*, diminuindo a

²⁵ Trecho original: “[...] esta conjugación sistemática de un desplazamiento de intensidad y de un cambio en la extensión de una figura dada condiciona, a la vez, la percepción de la presencia configuracional del segmento textual, y la del valor de la figura: conduce, por lo tanto, a la ‘resolución interpretativa’ por la mediación de un efecto de configuración.”

densidade de presença da tensão pela abertura do campo, e suscitando, assim, um efeito de sentido átono, com maior proeminência do inteligível. No que diz respeito ao *modo* de funcionamento dessas instâncias predicativas no interior dos discursos, Zilberberg (1998, p. 203²⁶) explica:

Se cada uma dessas predicacões apresenta um interesse em si, são sobretudo as relações que devem chamar a atenção. Se admitirmos que elas têm por direção a *diferença*, a *presença* e o *impacto*, respectivamente, a questão será vislumbrar as relações de dependência entre essas categorias. Sublinhemos, de início, que o discurso não encontra obstáculos naquilo que chamaríamos a “pluralidade de suas vozes”: passar de uma a outra por sucessão, ajustá-las entre si por simultaneidade, eis precisamente o que ele faz.

O agenciamento sintático-predicativo, ou de *configuração*, nos termos de Fontanille (2002) – regente das categorias discursivas destacadas anteriormente – intensidade, quantidade, conflito e assunção – responde, pois, pelo processo de sensibilização emocional, ou, mais especificamente, pela produção progressiva do “valor do valor” responsável pela patemização da interpretação epistêmica subjacente à sanção final. É através dele que, nesse percurso, o enunciador-orador submete o “*crer sancionador*” ao “*sentir competencializante*”. Nesse sentido, a fase de *dominação-mediação / controle-assunção* – própria ao *modo* como o discurso se apresenta ao enunciatário-auditório, convocando-o em sua sensibilidade e inteligibilidade – age diretamente na fase seguinte, da *resolução*, do *modo interpretativo*.

Essa última etapa do *esquema canônico retórico*, concebido como “um modelo da *práxis enunciativa*, da dimensão retórica do discurso” (FONTANILLE, 2002, p. 107²⁷), corresponde, então, em nossa interpretação, à sanção, ao *modo de assunção enunciativa* do enunciatário-auditório em relação ao conteúdo do discurso, à linha argumentativa defendida. É o momento em que se manifesta, e se configura com maior exatidão, o “valor do valor” em ambos os pontos de vista. Trata-se, portanto, da fase em que se conciliam ou se confrontam os posicionamentos assumidos pelos sujeitos da enunciação (de um lado o enunciador e de outro o enunciatário); a etapa em que se pode avaliar a eficácia do discurso, das estratégias discursivas adotadas na fase de *dominação-mediação* para o gerenciamento do *pathos* do enunciatário-auditório.

²⁶ Trecho original: “Si chacune de ces prédications présente un intérêt par elle-même, ce sont surtout leurs relations qui doivent retenir l’attention. Si nous admettons qu’elles ont pour direction respectivement la **différence**, la **présence** et l’**éclat**, il s’agit d’entrevoir les relations de dépendance entre ces catégories. Il convient d’abord de souligner que le discours, lui, n’est pas embarrassé par ce que nous aimerions appeler la ‘pluralité de ses voix’: passer de l’une à l’autre par succession, les ajuster entre elles par simultanéité est justement son affaire.”

²⁷ Trecho original: “[...] un modelo de la *práxis enunciativa*, de la dimensión retórica del discurso [...]”

Considerações finais

A dimensão retórica do discurso é, nesse sentido, aquela na qual a inter-relação entre produção e recepção do discurso, entre *éthos*, *pathos* e *logos* (enunciador, enunciatário e enunciado) mais se evidencia, chamando a atenção para a fluidez das fronteiras que separam uma e outra instância e para o papel central do enunciatário-auditório na elaboração discursivo-textual. Além disso, é também nela que a articulação entre sensível e inteligível mostra a sua coerência, o seu valor operatório, o seu valor estético-persuasivo. Isso importa porque, conforme bem ressalta Mathieu-Castellani (2000, p. 8²⁸), retomando Benveniste, “todo discurso espera persuadir, e a expressão ‘discurso persuasivo’ é na verdade um pleonasma, uma vez que, como o diz E. Benveniste, todo discurso busca influenciar o outro de alguma maneira”.

De toda forma, não podemos perder de vista que, se essa nova interpretação do *esquema retórico canônico*, idealizada como modelo de análise do processo de patemização da recepção dos discursos, concebidos, por sua vez, como uma rede estruturada de diferenças a partir das quais emergem os valores, permite a apreensão e análise da dinâmica figural (lógica tensiva) subjacente à produção dos efeitos de sentido passionais, ela precisa, todavia, para poder dar conta da peculiaridade dos estados de alma já categorizados culturalmente, combinar-se às determinações figurativas, e mesmo icônicas, impostas pelo uso a cada uma das paixões. Afinal, como postulado por Aristóteles na *Retórica* (2005, p. 160), “convém distinguir em cada uma delas três aspectos”, não só (i) em que disposições (discursivas) somos incitados a essa ou aquela paixão, mas (ii) a quem as dirigimos, (iii) quais as causas que as provocam; e ele enfatiza (p. 161): “se não se possui mais do que um ou dois desses aspectos, e não a sua totalidade, é impossível alguém que inspire a ira [por exemplo]. E o mesmo acontece com as outras emoções”.

Por isso, longe de valorizar o ponto de vista semiótico, em que se privilegiam as inter-relações sintático-semânticas subjacentes aos fenômenos passionais, em detrimento daquele da retórica, mais ligado às observações de ordem ético-cultural dos afetos, nossa intenção, ao buscar compreender *sintaxicamente* a lógica interna das configurações passionais, é a de salientar

²⁸ Trecho original: “[...] tout discours entend persuader, et la formule ‘discours persuasif’ n’est rien d’autre que pléonasmе, puisque, comme le dit E. Benveniste [1966, *Problèmes de linguistique générale*, p. 241-242], toute parole vise à influencer l’autre de quelque manière.”

a produtividade do diálogo entre as duas disciplinas, o qual deve ser estabelecido em termos de complementaridade.

Assim como o domínio da dinâmica tensiva (figural) não basta, se não estiver atrelado ao conhecimento de suas determinações icônicas (figurativas), para poder incitar essa ou aquela paixão no enunciatário-auditório; da mesma maneira, apenas saber quais os tipos de argumentos que o levam à disposição passional desejada também não é o suficiente se não se puder recriar, discursivamente, a sua força de impacto, o seu poder de sensibilização, mais sensível ou mais inteligível, como melhor convier. Citando uma vez mais Mathieu-Castellani (2000, p. 77²⁹), que corrobora essa observação: “o orador deve saber que os melhores argumentos não terão eficácia alguma para determinar a ação que se deseja incitar (uma decisão), se ele não *toca* seu auditório”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 2005.

BERTRAND, Denis. Thymie et enthymème. In: FONTANILLE, J. Les émotions: figures et configurations dynamiques. *Semiotica*, volume 163, 1/4, 2007, p. 75-84.

_____. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA, sob a coordenação de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru: EDUSC, 2003.

_____. *Actes Sémiotiques*. Bulletin, XI, n° 39, 1986.

BORDRON, Jean-François; FONTANILLE, Jacques. Introduction. In: _____. (dir.) Tensions rhétoriques et sémiotique du discours. *Langages*, número 137, 2000, p. 3-15.

DISCINI, Norma. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTANILLE, Jacques. Retórica y manipulación de los valores. Trad. Georgina Gamboa. In: ZILBERBERG, C. (ed.) *Semiótica del valor. Tópicos del Seminario*, número 8, 2002, p. 73-112.

_____. *Sémiotique et littérature*. Paris: PUF, 1999.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto, 2008.

²⁹ Trecho original: “[...] l’orateur est averti que les meilleurs arguments n’auront aucune efficacité pour déterminer l’action qu’il souhaite inspirer (une décision) s’il ne *touche* pas son auditoire.”

- HÉNAULT, Anne. *Le pouvoir comme passion*. Paris: PUF, 1994.
- _____. Structures aspectuelles du rôle passionnel. In: BERTRAND, D. (coord.) *Actes Sémiotiques*, Bulletin XI, n° 39, 1986, p. 32-42.
- HJELMSLEV, Louis. La syllabe en tant qu'unité structurale. In: _____. *Nouveaux Essais*. Paris: PUF, 1985, pp. 165-171.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. Prefácio. Trad. Lineide do Lago Salvador Mosca. In: MOSCA, L. L. S. *Retóricas de ontem e hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001. pp. 11-15
- MATHIEU-CASTELLANI, Gisèle. *La rhétorique des passions*. Paris: PUF, 2000.
- ZILBERBERG, Claude. *La structure tensiva*. Liège: Presse Universitaire de Liège, 2012.
- _____. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- _____. Approche schématique de la rhétorique. In: BALLABRIGA, M. (dir.) *Sémantique et rhétorique*. Toulouse: EUS (Editions Universitaires du Sud), 1998. p.199-223.

Abstract

The pathemic dimension of discourse: a dialogue between Rhetoric and Semiotics

Through the issue of the pathemic manipulation, the proposal of this article is to establish a dialogue between the precepts of Rhetoric and the current developments of French Semiotics. The aim is to broaden the perspective of analysis of passions in both fields: in a movement of semiotization of the Rethoric of Passions, establishing the necessarily discursive properties of the pathemic configurations of the discourse in act; as well as in adopting a rethorical view of the Semiotic of Passions, pointing out the rethorical dimension of the enunciated affections.

Keywords: Emotions. Discourse. Enunciation. Semiotics. Rhetoric.